

AFINAL, O QUE É INTENÇÃO EMPREENDEDORA? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA PESQUISA CIENTÍFICA

SO, WHAT IS ENTREPRENEURSHIP INTENTION? A SYSTEMATIC REVIEW OF SCIENTIFIC RESEARCH

Cristiane Krüger*
Italo Fernando Minello**

RESUMO

Este estudo teve como objetivo apresentar o cenário das pesquisas na área de Intenção Empreendedora utilizando-se da base de dados Web of Science. O trabalho caracteriza-se como descritivo e quantitativo, de natureza sistemática, e busca levantar as características da produção acadêmica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliométrica, na qual foram investigadas 1.355 publicações no período de 2008 a 2018, na respectiva base de dados, incluindo a caracterização da produção e dos temas correlatos. Inicialmente, foi identificado o total de publicações, caracterizadas por suas áreas temáticas, tipos de documentos, ano das publicações, autores, países, citações, idiomas e, por fim, foi analisado o índice h-b e o índice m. A pesquisa bibliométrica demonstrou que a Intenção Empreendedora apresentou um aumento gradativo de publicações ao longo dos anos, acompanhado por um aumento nas citações. Foram encontrados quatro clusters, todos relacionados entre si. Os índices encontrados demonstraram que diversos termos relacionados podem ser considerados *hot topics*, com destaque para Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor.

Palavras-chave: Intenção Empreendedora. Bibliometria. Empreendedorismo.

ABSTRACT

This study aimed to present the scenario of research in the field of Entrepreneurial Intention, using the Web of Science database. The research is characterized as descriptive and quantitative, bibliometric, and seeks to raise the characteristics of academic production in the field. For that, a bibliometric research was carried out, in which 1,355 publications in the period 2008 to 2018 were analysed, including the characterization of production and related themes. Initially, the total number of publications were described, characterized by their thematic areas, document types, year of publications, authors, countries, citations, languages, and lastly, the h-b index and the m index were analyzed. The bibliometric research has shown that the Entrepreneurial Intention presented a gradual increase of publications over the years, followed by an increase in citations. Four clusters were found, all related to each other. The indexes found have demonstrated that several related terms can be considered hot topics, especially Entrepreneurship and Entrepreneurial Behavior.

Keywords: Entrepreneurial Intention. Bibliometric. Entrepreneurship.

* Doutora em Administração pela UFSM, Professora de Ciências Contábeis. cris.kruger@hotmail.com

** Doutor em Administração pela USP, Professor de Administração na UFSM. ifminello@gmail.com

Introdução

A temática empreendedora tem crescido quanto à abrangência atual no âmbito acadêmico. Nesse sentido, uma das áreas mais abordadas é a Intenção Empreendedora, bem como os assuntos relativos a esse fator fundamental no estudo do empreendedorismo contemporâneo. Analisar e compreender as principais publicações acadêmicas dos últimos anos acerca do tema é crucial para entender e desenvolver os diversos aspectos relacionados à Intenção Empreendedora, colocando em perspectiva o status atual desse ramo de pesquisa.

O presente trabalho busca descrever o cenário das pesquisas de Intenção Empreendedora, por meio de uma análise bibliográfica de cunho descritivo e quantitativo. Mapeando as relações e características de 1.355 publicações do período pesquisado, almeja-se analisar o panorama acadêmico da área nos últimos onze anos. Para verificar a relevância científica referente a temática de Intenção Empreendedora a pesquisa bibliométrica compreendeu informações referentes as áreas temáticas, o número total de publicações, ano das publicações, tipos, idiomas, países, autores e citações.

A pesquisa bibliométrica, para Guedes (2012), é um conjunto de leis e princípios empíricos que contribuem para estabelecer fundamentos teóricos. Por meio dessa técnica é possível identificar e analisar as motivações que levam um dado pesquisador a investigar um determinado assunto, a rede de relacionamento que há entre os pesquisadores, o que se tem publicado a respeito de um determinado tema, quais os principais assuntos, dentre outros fatores (BELFORT; FREITAS; MARTENS, 2017).

Os dados foram coletados por meio da base Web of Science do Institute for Scientific Information (ISI). Segundo Franceschet (2010), o ISI foi fundado por Eugene Garfield em 1960 e adquirido pela Thomson (hoje Thompson Reuters) em 1992, e consiste em uma das maiores companhias do mundo da informação. Para tanto, pesquisou-se o termo *Entrepreneurial Intention*. Para a busca se delimitou o período de 2008 a 2018, o levantamento ocorreu no mês de janeiro de 2019.

Limitou-se a coleta de dados no Web of Science, uma vez que oferece a coleta de documentos mais valiosa e de alto impacto e é confirmada como o banco de dados mais confiável para estudos bibliométricos (DING; ROUSSEAU; WOLFRAM, 2014). A Web of Science consiste em uma base multidisciplinar que indexa os periódicos mais citados em suas respectivas áreas. Além disso, a base apresenta um índice de citações na web, na qual além de identificar as citações recebidas, referências utilizadas e registros

relacionados, se pode analisar a produção científica com cálculo de índices bibliométricos e o percentual de autocitações, assim como a criação de rankings por inúmeros parâmetros.

1 Afinal, o que é intenção empreendedora?

Almeida (2013) em seu estudo confia o termo intenção ao latim medieval, *intentio*, originário do árabe *ma'nā*, que remete a significado ou pensamento. Ao se consultar o dicionário Aurélio (2010) o termo intenção tem por significado o “resultado da vontade depois de admitir uma ideia como projeto, o que se pretende alcançar, o que está planejado”. No caso do comportamento empreendedor a intenção de criar um empreendimento está relacionada com a vontade, o desejo e a possibilidade de, por exemplo, constituir um negócio.

A intenção pode ser entendida como um estado de espírito em que a atenção do indivíduo está dirigida para uma determinada situação, com vistas a alcançar uma meta (BIRD, 1988). Para Krueger e Brazeal (1994) a intenção de empreender é baseada na interação entre características pessoais, percepções, valores, crenças, variáveis sócio demográficas e até mesmo ambientais.

Segundo Tubbs e Ekerberg (1991), a intenção ocupa posição privilegiada no estudo do comportamento humano. Para os autores, intenção representa um objetivo que o indivíduo almeja alcançar e o planejamento que fundamentará a busca pela concretude desse objetivo. Assim, a intenção de um indivíduo está intrinsecamente ligada ao seu comportamento, ou seja, entende-se que todo o comportamento é precedido de uma intenção (KRUEGER; REILLY; CARSRUD, 2000).

Define-se ainda intenção empreendedora como a “convicção autorreconhecida por uma pessoa de que pretende criar um empreendimento e conscientemente planeja fazê-lo em algum momento no futuro” (THOMPSON, 2009, p. 667). Para o autor é uma decisão consciente e planejada que impulsiona as ações necessárias para lançar um negócio. A intenção empreendedora individual é um constructo chave na investigação sobre a formação de novos negócios (THOMPSON, 2009).

Carvalho e Gonzáles (2006) consideram que a concretização da ideia de criar um empreendimento, como uma empresa, é precedida pela intenção, a qual por sua vez pode ser planejada. Para esses autores, em alguns casos a intenção é formada instantes antes de se efetivar a ideia, já, em outros casos, a intenção talvez nunca coincida com a realização

do comportamento. Portanto, assume-se que a análise da intenção empreendedora serve para prever o comportamento do indivíduo quanto a relação de empreender, mas, deve-se ter cautela quanto ao segundo caso mencionado (DAVIDSSON, 1995).

Krueger, Reilly e Carsrud (2000) apontam que a decisão de se tornar empreendedor é voluntária e consciente, sendo, como já mencionado, uma decisão planejada, portanto passível de ser predita e entendida por modelos de intenção. Anos depois, um estudo longitudinal de Kautonen, Gelderen e Fink (2015) também confirmou que a intenção empreendedora pode prever a ação de empreender.

Assim, a questão do que influencia a intenção empreendedora pode ser relevante para os formuladores de políticas, educadores e pesquisadores. Tanto é que Fayolle e Liñán (2014) consideram a intenção empreendedora um campo vibrante na pesquisa em empreendedorismo. Para Almeida (2013) essa possibilidade de prever a ação comportamental fez com inúmeros modelos teóricos se desenvolvessem, oferecendo um “arcabouço teórico coerente, parcimonioso, generalizável e robusto para entender e prever este comportamento” (ALMEIDA, 2013, p. 121).

O marco da fundamentação teórica sobre intenção empreendedora é atribuído aos estudos desenvolvidos por Shapero e Sokol (1982), denominada de Teoria da Intenção Empreendedora, e a Teoria do Comportamento Planejado (TCP) de Ajzen (1991). Essas escolas teóricas e demais estudos relevantes sobre o constructo são esmiuçados a seguir.

1.1 Evolução das escolas teóricas

A temática de intenção, em especial a empreendedora, vem instigando diversos autores nas últimas décadas. Dentre as escolas teóricas desenvolvidas se sobressaem o Modelo de Evento Empreendedor (SHAPERO; SOKOL, 1982) e a TCP (AZJEN, 1991).

1.1.1 Modelo de Evento Empreendedor

O Modelo de Evento Empreendedor é moldado por agrupamentos de variáveis sociais e o ambiente social e cultural (SHAPERO; SOKOL, 1982). Para os autores esse evento é demonstrado por tomada de iniciativa, consolidação de recursos, gestão, autonomia e ponderação de riscos. O paradigma proposto tenta incluir todas as versões do evento empreendedor e as diferentes variáveis (situacionais, sociais e individuais) identificadas.

Esse modelo (SHAPIRO, 1982), considera a criação de um negócio como um evento que pode ser explicado por meio da interação de iniciativas, habilidades, gestão, autonomia e risco. No Evento Empreendedor a escolha pessoal depende de três fatores, a percepção de que o evento é desejável, a propensão em agir e a viabilidade de constituir o empreendimento (GUERREIRO; RIALP; URBANO, 2008).

Carvalho e Gonzáles (2006) colocam que a ação de criação de um empreendimento para Shapero e Sokol (1982) deve-se mais a fatores negativos relacionados com a insatisfação pessoal do que a fatores positivos, como ganhar dinheiro ou obter lucro. Isso se confirma no trecho “Informações negativas, eventos ou deslocamentos geralmente levam a eventos empresariais” (SHAPERO; SOKOL, 1982, p. 72).

Para os autores essa teoria busca responder duas questões norteadoras quanto à intenção em empreender. Primeiro, o que trouxe o indivíduo a essa alteração de vida? E, por que esse evento? A ação comportamental particular tomada depende das percepções de desejo e viabilidade (SHAPERO; SOKOL, 1982).

A desejabilidade e a viabilidade são etapas fundamentais nesta teoria. Para Shapero e Sokol (1982) estes dois aspectos são interativos, de modo que, se um indivíduo considera que há viabilidade para iniciar um empreendimento, o desejo, desejabilidade, cresce proporcionalmente. Por outro lado, se um indivíduo não está motivado a iniciar um empreendimento, não considerará sequer a sua viabilidade. Portanto, o desejo é um pré-requisito na avaliação da viabilidade (SHAPERO; SOKOL, 1982).

Atualmente pouco tem se visto quanto à adoção teórica do Modelo de Evento Empreendedor nas pesquisas sobre intenção empreendedora. Em uma consulta às bases Web of Science, SCOPUS e EBSCO predominaram os estudos que contemplam a TCP (AJZEN, 1991). Os comparativos quantitativos podem ser observados no Quadro 1.

Quadro 1 – Comparativo de publicações entre as escolas teóricas

TEORIAS	Model of Entrepreneurial Intention	Planned Theory of Behavior
WEB OF SCIENCE	624	11.595
SCOPUS	481	8.207
EBSCO	60	13.113

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse sentido, Schlaegel e Koenig (2014) realizaram um estudo que integrou o Modelo de Evento Empreendedor (SHAPERO; SOKOL, 1982) e a TCP (AJZEN, 1991). Os autores utilizaram de modelagem de equações estruturais meta-analíticas para examinar o ajuste das teorias concorrentes e do modelo integrado. Como resultado se verificou que o modelo integrado fornece poder explicativo adicional e uma compreensão mais completa do processo pelo qual a intenção empreendedora se desenvolve (SCHLAEGEL; KOENIG, 2014). Esse achado revela que as escolas teóricas não precisam ser estudadas e aplicadas de modo isolado, pelo contrário, a aplicação conjunta também pode possibilitar contribuições.

Por conseguinte, é apresentada a Teoria do Comportamento Planejado (AJZEN, 1991).

1.1.2 Teoria do Comportamento Planejado

A origem da TCP é atribuída ao trabalho de Ajzen (1991), intitulado “*The Theory of Planned Behavior*”. Neste estudo o autor defende que a TCP pode prever o comportamento em comparação com o imposto pela confiabilidade comportamental (AJZEN, 1991, p. 179). Para o autor, nesta teoria todo comportamento requer um certo planejamento (AJZEN, 1991). Assim, segundo este modelo teórico é possível prever se algum indivíduo vai criar um empreendimento no futuro, analisando a sua intenção.

Na TCP as atitudes são pré-requisitos para se realizar um comportamento, o desempenho deste comportamento é determinado pela força da intenção do indivíduo para fazer aquele comportamento, e a intenção é uma função da atitude do indivíduo em relação a se engajar no comportamento (KUNDU; RANI, 2008; ALMEIDA, 2013). A Figura 1 esquematiza a TCP.

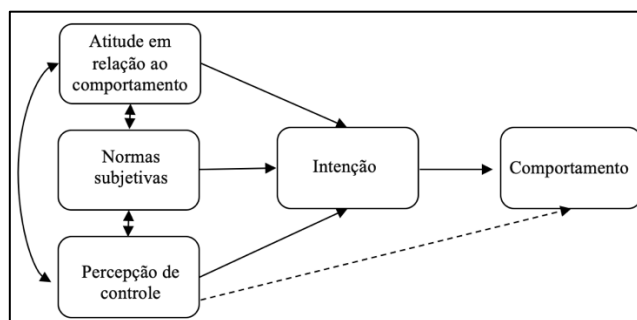


Figura 1 – TCP

Fonte: Adaptado de Ajzen (1991)

A TCP “fornece uma estrutura conceitual útil para lidar com as complexidades do comportamento social humano” (AJZEN, 1991, p. 28). Nesta teoria, conforme Ajzen (1991), as atitudes em relação ao comportamento, normas subjetivas com relação ao comportamento e percepção de controle sobre o comportamento podem prever intenções comportamentais, como a empreendedora. Por sua vez, essas intenções, em combinação com a percepção de controle, podem representar uma proporção considerável da variância comportamental, como o comportamento empreendedor (AJZEN, 1991; LIÑÁN; CHEN, 2009).

Ajzen (1991) coloca que a TCP apresenta algumas lacunas, as relações entre atitude e normas subjetivas, atitude e percepção de controle e percepção de controle e normas subjetivas ainda são incertas. Para o autor intenção, percepção de controle, atitude em relação ao comportamento e normas subjetivas, cada uma revela um aspecto diferente do comportamento, e cada uma pode servir como um ponto de partida nas tentativas de mudar esse comportamento (AJZEN, 1991, p. 28).

A base subjacente dessas crenças, na TCP, fornece descrições detalhadas necessárias para obter informações substanciais sobre os determinantes de um comportamento. É no nível das crenças que se pode aprender sobre os fatores únicos que induzem uma pessoa a se engajar na intenção de empreender induzindo outro a seguir um curso de ação diferente (LIÑÁN; CHEN, 2009). Para Souza e Silveira (2018) a TCP é uma teoria que explica as intenções empreendedoras servindo de suporte para diferentes modelos de intenção empreendedora.

A partir dessas teorias uma série de estudos se desenvolveram, inicialmente, apresentaram-se os marcos teóricos de Shapero e Sokol (1982) e Ajzen (1991). A evolução teórica desse constructo é apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 – Evolução Teórica de Intenção Empreendedora

Ano	Autores	Pesquisa
1982	Shapero e Sokol	Modelo de Evento Empreendedor.
1991	Ajzen	Apresentação da TCP.
1993	Krueger e Carsud	Demonstraram a aplicabilidade da TCP.
1993	Spencer e Spencer	Competências empreendedoras relacionadas à intenção.
1995	Davidsson	Determinantes de intenção empreendedora.
1997	Autio et al.	Teste do modelo de intenção empreendedora na Ásia, Escandinávia e EUA.
2004	Kristiansen e Indarti	Proposta de uma metodologia para identificação de determinantes da intenção empreendedora.
2005	Smithikrai	Adotou a técnica de regressão múltipla para examinar o potencial empreendedor de estudantes universitários tailandeses.

2006	Carvalho e González	Apresentou um modelo explicativo sobre a intenção empreendedora.
2006	Guerrero, Rialp e Urbano	Analisaram a relação entre conveniência e viabilidade sobre as intenções empreendedoras de estudantes na Catalunha, por meio de equações estruturais.
2009	Liñán e Chen	Apresentaram um modelo para mensurar a intenção empreendedora. Definiram e validaram um instrumento de coleta de dados, o Questionário de Intenção Empreendedora (QIE).
2011	Liñán, Urbano e Guerrero	Identificaram alguns elementos cognitivos ambientais que podem explicar as diferenças regionais nas intenções, aplicaram equações estruturais.
2012	Black	Investigou a relação entre três construtos de identidade (pessoa, papel e social) sobre as intenções empreendedoras de estudantes universitários.
2014	Schlaegel e Koenig	Testaram meta-analiticamente e integraram a TCP e o Modelo de Evento Empreendedor.
2015	Liñán e Fayolle	Realizaram uma revisão da literatura sobre intenção empreendedora, contemplando o período de 2004 a 2013.
2015	Lortie e Castrogiovanni	Levantaram a literatura relevante sobre intenção empreendedora e apresentaram sugestões para pesquisas futuras.
2016	Sabah	Testou a TCP adicionando o efeito da moderação da experiência inicial.
2016	Santos, Roomi e Liñán	Compararam as diferenças de gênero e o ambiente social na formação de intenções empreendedoras, em duas regiões europeias diferentes.

Fonte: elaborado pelos autores.

Para Krueger e Carsrud (1993) as intenções são o melhor e único preditor de tal comportamento, tanto conceitual como empírico. Mais tarde, para Davidsson (1995), o principal determinante da intenção empreendedora é a convicção de uma pessoa de que iniciar e administrar o próprio empreendimento é a melhor alternativa para ela. O modelo testado pelo autor resume e integra muito do que se sabe de pesquisas anteriores sobre fatores que influenciam as inclinações empreendedoras dos indivíduos (DAVIDSSON, 1995).

Outros modelos de pesquisa sobre a intenção empreendedora foram desenvolvidos por Autio et al. (1997), Kristiansen e Indarti (2004), Smithikrai (2005). Kristiansen e Indarti (2004) propuseram uma metodologia para identificação de determinantes da intenção empreendedora, objetivando comparar o impacto dos resultados em diferentes contextos econômicos e sociais. O modelo de Kristiansen e Indarti (2004) foi replicado no Brasil por Nascimento et al (2010). Os autores brasileiros obtiveram resultados melhores do que os do estudo originário.

Por meio de regressão múltipla Smithikrai (2005) analisou o poder preditivo da atitude em relação ao empreendedorismo, a norma social, e a intenção empreendedora percebida entre os respondentes. Os resultados apontaram diferenças significativas no

potencial empreendedor de alunos envolvidos com negócios, já, quanto à intenção empreendedora houve uma percepção da importância da atitude e da norma social como fatores viabilizadores da mesma (SMITHIKRAI, 2005).

No ano seguinte, Carvalho e Ganzález (2006) elaboraram um modelo explicativo para intenção empreendedora que incluiu os elementos de antecedentes pessoais, conhecimentos empresariais, motivações empreendedoras, auto-eficácia empreendedora e envolvente institucional. No mesmo período ocorreu o estudo da relação entre conveniência e viabilidade sobre as intenções empreendedoras, por meio de equações estruturais (GUERRERO; RIALP; URBANO, 2006).

A TCP foi impulsionada pelos autores Liñán e Chen (2009). Os autores propuseram um modelo de mensuração da intenção empreendedora adaptado da TCP (AJZEN, 1991). A intenção empreendedora baseia-se na TCP (AJZEN, 1991), que para Schlaegel e Koenig (2014) e Krueger e Carsrud (1993), fornece uma base teórica sólida. Liñán e Chen (2009) postulam que o comportamento futuro de uma pessoa é precedido por intenção: quanto mais forte a intenção de uma pessoa se engajar em um comportamento específico, mais provável é que o comportamento real será realizado.

Além disso, a intenção de realizar um determinado comportamento é o resultado de três antecedentes cognitivos: (i) atitude em relação ao comportamento; (ii) normas subjetivas; e (iii) controle comportamental percebido (SCHLAEGEL; KOENIG, 2014; KRUEGER; CARSRUD, 1993).

A atitude frente ao comportamento refere-se à avaliação do indivíduo a respeito do seu próprio comportamento, seja esta positiva ou negativa (OLIVEIRA et. al., 2016). A avaliação é o componente mais afetivo da atitude, determinando a motivação e a força da intenção do comportamento. Nesse sentido, a atitude favorável está associada a uma maior intenção de agir (MORIANO; PALACÍ; MORALES, 2007).

As normas subjetivas dizem respeito à pressão social exercida para realizar – ou não – um comportamento e reflete o efeito dos valores sociais sobre o indivíduo (MORALES; REBOLLOSO; MOYA, 1994). A norma subjetiva é a componente mais social do modelo, na medida em que incorpora a influência de pessoas significativas para o sujeito na decisão de desenvolver a sua carreira profissional por meio do empreendedorismo (OLIVEIRA et al., 2016).

Em relação ao controle comportamental percebido, as pessoas manifestam comportamentos que acham que são capazes de controlar e dominar (BANDURA, 1982).

Esse conceito consiste na capacidade para manifestar um comportamento, por exemplo, iniciar uma atividade empresarial (OLIVEIRA et al., 2016). A .

apresenta o modelo de intenção empreendedora de Liñán e Chen (2009).

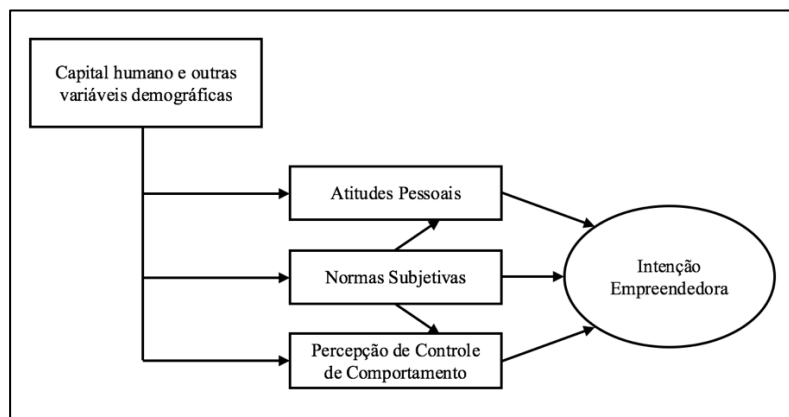


Figura 2 – Modelo de intenção empreendedora

Fonte: Adaptado de Liñán e Chen (2009, p. 597)

A partir da .

descrevem-se os conceitos das respectivas dimensões. Atitudes pessoais referem-se ao grau em que o indivíduo detém de uma avaliação pessoal positiva ou negativa sobre ser um empreendedor. Esta dimensão engloba assertivas que incluem o afetivo, como “eu gosto, é atraente para mim”, como também considerações de avaliação, como por exemplo, “ele tem vantagens para mim” (LIÑÁN; CHEN, 2009 p. 596).

Para esses autores, por meio das normas subjetivas se mede a pressão social percebida de realizar ou não comportamentos empreendedores. Tal dimensão remete para a percepção de que as pessoas tidas como referência para o indivíduo irão ou não aprovar a decisão de se tornar um empreendedor (LIÑÁN; CHEN, 2009).

A percepção de controle comportamental é definida como a compreensão de facilidade ou dificuldade de se tornar empreendedor. Liñán e Chen (2009) chamam atenção para a semelhança com os conceitos de Bandura (1977) sobre auto-eficácia e de Shapero e Sokol (1982) para a viabilidade percebida. Além destes, os autores consideraram o capital humano e variáveis demográficas como influenciadores das dimensões que irão interferir na intenção empreendedora (LIÑÁN; CHEN, 2006, 2009).

A primeira versão do QIE foi aplicada a uma amostra de universitários da Espanha e Taiwan (LIÑÁN; CHEN, 2009). No Brasil o respectivo instrumento foi validado a partir dos estudos de Couto, Mariano e Mayer (2010) e Hecke (2011). Outros estudos brasileiros

também contemplaram esse instrumento, por exemplo, Almeida (2013). Anos mais tarde, em 2011, o QIE passou por alguns ajustes para melhoria da escala psicométrica, elaborados por Liñán, Urbano e Guerrero (2011). Esta nova escala foi validada no Brasil recentemente por Souza e Silveira (2018), que consideram apto o modelo de mensuração da intenção empreendedora no contexto das universidades brasileiras.

Ainda em 2012, em sua tese de doutoramento, Black investigou a intenção empreendedora de estudantes com base em constructos de identidade. Em 2014, Schlaegel e Koenig realizaram um estudo que integrou as teorias do Modelo de Evento Empreendedor e a TCP, os autores obtiveram resultados melhores a partir da utilização combinada destas teorias.

Liñán e Fayolle (2015) diante do aumento das pesquisas sobre intenção empreendedora realizaram uma revisão da literatura, contemplando um período de dez anos. Os autores identificaram cinco áreas principais de pesquisa, além de uma sexta categoria adicional. Dentro dessas categorias, até 25 temas diferentes foram reconhecidos. Além disso, os autores apontam uma série de lacunas para pesquisa (LIÑÁN; FAYOLLE, 2015). No mesmo ano, Lortie e Castrogiovani também realizaram um levantamento sobre as produções relacionadas à intenção empreendedora, além disso, apresentaram sugestões para pesquisas futuras.

Por conseguinte, em 2016, Sabah testou a TCP e adicionou a variável da experiência inicial. Além disso, Santos, Roomi e Liñán (2016) compararam as diferenças de gênero e o ambiente social na formação de intenções empreendedoras, em duas regiões europeias diferentes.

A intenção empreendedora é um campo de pesquisa em rápida evolução (LIÑÁN, CHEN, 2015). O Quadro 2 evidenciou a evolução ocorrida na temática de intenção empreendedora, o que reforça a importância deste constructo no cenário dos estudos relacionados ao comportamento empreendedor. A partir disso, no intuito de aprofundar o entendimento quanto à intenção empreendedora a seguir realiza-se uma pesquisa bibliométrica.

1.1.3 Intenção empreendedora em foco

Para ampliar o conhecimento quanto a literatura nacional e internacional sobre intenção empreendedora realizou-se um estudo bibliométrico na base Web of Science.

Para tanto, pesquisou-se o termo *Entrepreneurial Intention*. Para a busca se delimitou o período de 2008 a 2018, o levantamento ocorreu no mês de janeiro de 2019.

Os dados foram coletados por meio da base Web of Science do Institute for Scientific Information (ISI). Segundo Franceschet (2010) o ISI foi fundado por Eugene Garfield em 1960 e adquirido pela Thomson (hoje Thompson Reuters) em 1992, e consiste em uma das maiores companhias do mundo da informação.

A Web of Science consiste em uma base multidisciplinar que indexa os periódicos mais citados em suas respectivas áreas. É também um índice de citações na web, na qual além de identificar as citações recebidas, referências utilizadas e registros relacionados, se pode analisar a produção científica com cálculo de índices bibliométricos e o percentual de autocitações, assim como a criação de rankings por inúmeros parâmetros.

A pesquisa bibliométrica, para Guedes (2012), é um conjunto de leis e princípios empíricos que contribuem para estabelecer fundamentos teóricos. Por meio dessa técnica é possível identificar e analisar as motivações que levam um dado pesquisador a investigar um determinado assunto, a rede de relacionamento que há entre os pesquisadores, o que se tem publicado a respeito de um determinado tema, quais os principais assuntos, dentre outros fatores (BELFORT; FREITAS; MARTENS, 2017).

Para verificar a relevância científica referente a temática de intenção empreendedora a pesquisa bibliométrica compreendeu informações referentes as áreas temáticas, o número total de publicações, ano das publicações, tipos, idiomas, países, autores e citações. Foram encontradas 1.355 publicações no período pesquisado. A Tabela 1 apresenta as principais áreas temáticas relacionadas ao tema.

Tabela 1- Áreas temáticas¹

Área temática	Qnt de Publicações
<i>Business</i>	623
<i>Management</i>	513
<i>Economics</i>	172
<i>Education Educational Research</i>	163
<i>Social Sciences Interdisciplinary</i>	52

¹ Algumas publicações foram classificadas em mais de uma área, desse modo o total é superior ao número total de publicações.

Fonte: elaborado pela autora com base em Web of Science (2018).

As principais áreas temáticas relativas às publicações sobre intenção empreendedora são negócios e gestão, com menor força destacam-se os temas

relacionados à economia, educação e ciência social. Percebe-se que as áreas estão, no geral, dentro da Ciência Social Aplicada.

A partir do período pesquisado constatou-se que o número de publicações sobre intenção empreendedora aumentou gradativamente ao longo dos anos analisados. A Figura 3 apresenta a quantidade de publicações por ano relacionadas ao tema estudado. Ressalta-se que em 2018 foram consideradas as publicações realizadas até o mês de dezembro, período em que a pesquisa foi realizada.

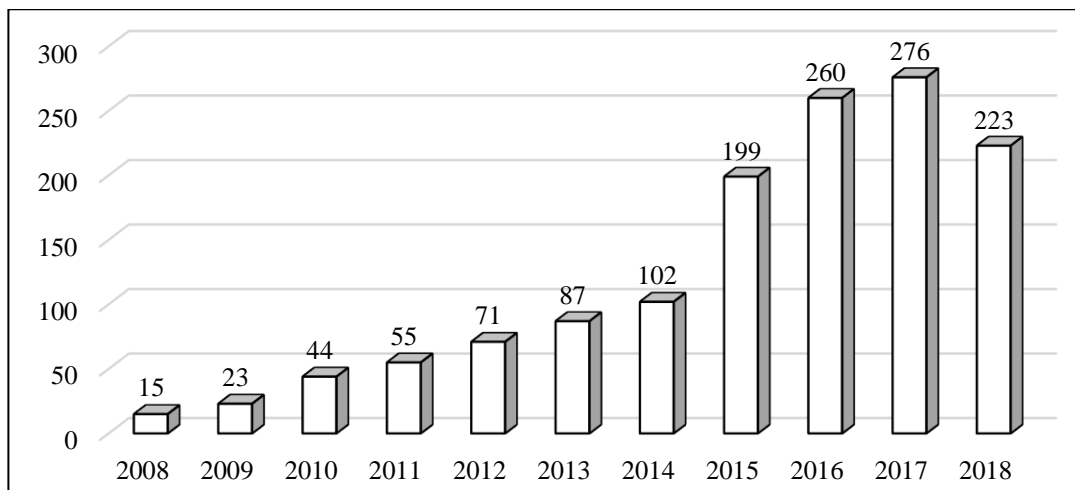


Figura 3 – Publicações por ano

Fonte: elaborado pelos autores com base em Web of Science (2018).

Constatou-se que a maioria das publicações ocorreram no formato de artigo (938), o que corresponde a, aproximadamente, 68% frente à totalidade produzida. É possível observar um aumento significativo na quantidade de artigos publicados sobre intenção empreendedora no período compreendido entre 2014 a 2016, um crescimento de mais de 140%. Já, em 2018, se verificou 223 publicações, percebe-se que houve declínio frente ao ano de 2017.

O idioma predominante é o inglês, foram 1.303 publicações, 96% das produções. Além disso, as publicações se concentram nos Estados Unidos, com 205 publicações (15%), seguido da Espanha com 169 publicações (12,5%), China com 108 (7,9%) e Inglaterra com 107 (7,8%). Neste ranking o Brasil consta na 35ª posição, com 15 publicações de diferentes autores.

Em seguida averiguou-se a autoria destas publicações. Na Tabela 2 constam os principais autores e respectivas quantidades de publicações.

Tabela 2 – Principais autores e publicações

Autores	Artigos publicados	País
Liñán, F.	15	Espanha
Pihie, Z. A. L.	14	Malásia
Bagheri, A.	12	Irã
Obschonka, M.	10	Austrália
Fayolle, A.	8	França
Kautonen, T.	8	Reino Unido
Moriano, J. A.	7	Espanha
Shirokova, G.	7	Rússia
Urbano, D.	7	Espanha
Dimov, D.	6	Reino Unido

Fonte: elaborado pelos autores com base em Web of Science (2018).

Os principais autores são de diferentes países, acentuando-se a Espanha e o Reino Unido. Na Espanha destaca-se o Dr. Francisco Liñán (15 publicações), professor na Universidad de Sevilla e na Anglia Ruskin University, que lidera o ranking de publicações. A linha de pesquisa de Liñán, a partir de pesquisa prévia no site da Universidad de Sevilla, é empreendedorismo, dentre as quais as temáticas de educação para o empreendedorismo e intenção empreendedora.

Na segunda posição consta a professora Zaidatol Akmaliah Lope Pihie, titular na Faculdade de Estudos Educacionais, na Universiti Putra Malaysia, na Malásia. As áreas de interesse são educação empreendedora, liderança e gestão educacional, bem como metodologia de ensino. Já, em terceiro lugar está a professora assistente Afsaneh Bagheri, ela é a principal co-autora de Pihie, e trabalha no Department of Entrepreneurship Development, na Faculty of Entrepreneurship, University of Tehran. As áreas de interesse de Bagheri são educação para o empreendedorismo, competências empreendedoras e liderança empreendedora.

Pela quantidade de publicações distribuídas de forma homogênea entre os autores, percebe-se que a temática de intenção empreendedora não possui um único pesquisador em evidência, Liñán, apesar de ser o autor com mais publicações representa apenas 1,2% das publicações totais. Percebe-se que essa temática é pesquisada por diferentes estudiosos ao redor do mundo e que tem crescido ano após ano, sendo impulsionada a partir de 2014, com seu ápice no ano de 2017.

Os achados dessa bibliometria vão de encontro à pesquisa realizada por Souza (2015). A autora também realizou uma bibliometria sobre intenção empreendedora, no entanto, considerou a base SCOPUS, e contemplou o período de 1999 a agosto de 2015.

A principal similitude dessas pesquisas, apesar das pesquisas terem sido realizadas em períodos distintos, se refere ao autor com mais publicações, Liñán apareceu no topo em ambas bases.

Em seguida se apurou o relatório de citações. Esse relatório proporciona informações estatísticas baseadas nos resultados levantados e informa o índice h (índice que utiliza por base o número de artigos publicados por um autor e a frequência que estes artigos são citados por outros). Na Figura 4 consta o número de citações por ano.

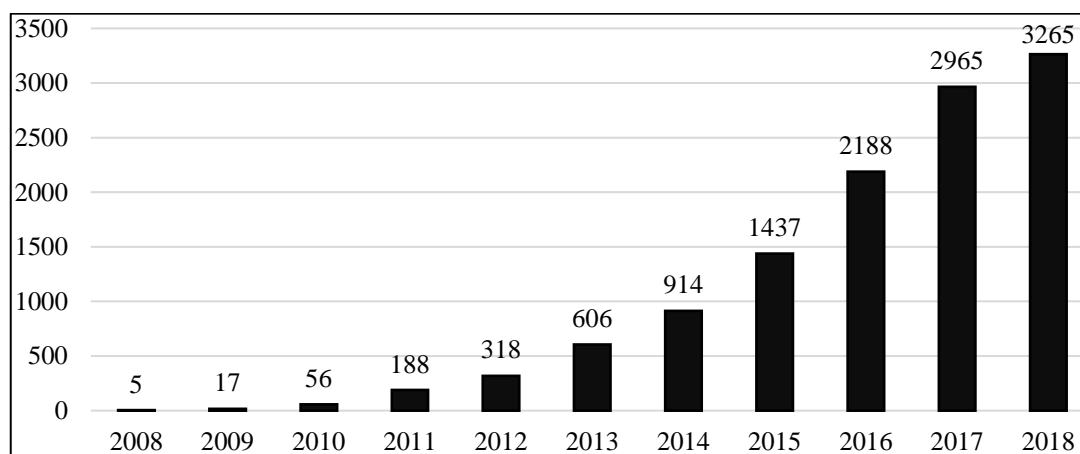


Figura 4 – Citações por ano

Fonte: elaborado pelos autores com base em Web of Science (2018).

O período apurado totalizou 11.959 citações, destas, 7.048 são citações sem autocitações. A média de citações por item é de 8,91 e o h-index é de 54. Um índice de *h* significa que há publicações *H* que foram citados pelo menos *h* vezes. Percebe-se que assim como as publicações aumentaram ano após ano, as citações também aumentaram concomitantemente.

Por meio da análise de citações identificou-se os trabalhos mais citados sobre intenção empreendedora. Estes trabalhos são detalhados no Quadro 3.

Quadro 3 – Publicações mais citadas

Descrição	Ano da Publicação	Citações
Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions LIÑÁN, F.; CHEN, Y. Entrepreneurship Theory and Practice . V. 33, ed. 3, p. 593-617.	2009	403
The Relationship of Personality to Entrepreneurial Intentions and Performance: A Meta-Analytic Review ZHAO, H.; SEIBERT, S. E.; LUMPKIN, G. T. Journal of Management . V. 36, ed. 2, p. 381-404.	2010	305

The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation OOSTERBEEK, H.; VAN PRAAG, M.; IJSSELSTEIN, A. European Economic Review . V. 54, ed. 3, p. 442-454.	2010	283
Entrepreneurial Self-Efficacy: Refining the Measure MCGEE, J. E.; PETERSON, M.; MUELLER, S. L.; et al Entrepreneurship Theory and Practice . V. 33, ed. 4, p. 965-988.	2009	237
The Role of Gender Stereotypes in Perceptions of Entrepreneurs and Intentions to Become an Entrepreneur GUPTA, V. K.; TURBAN, D. B.; WASTI, S. A.; et al. Entrepreneurship Theory and Practice . V. 33, ed. 2, p. 397-417.	2009	222

Fonte: elaborado pelos autores com base em Web of Science (2018).

Dentre as publicações mais citadas chama atenção que o artigo mais citado é de autoria de Liñán (2009), autor que mais publica sobre a temática em questão. Na Figura 5 é demonstrado o mapa de co-citações. A partir das co-citações é possível analisar a relação intelectual entre os autores, ou seja, quanto mais dois autores são citados juntos, mais próxima é a relação entre eles. Dessa forma, verifica-se os clusters existentes e os respectivos autores. Foram selecionados os autores citados pelo menos 70 vezes.

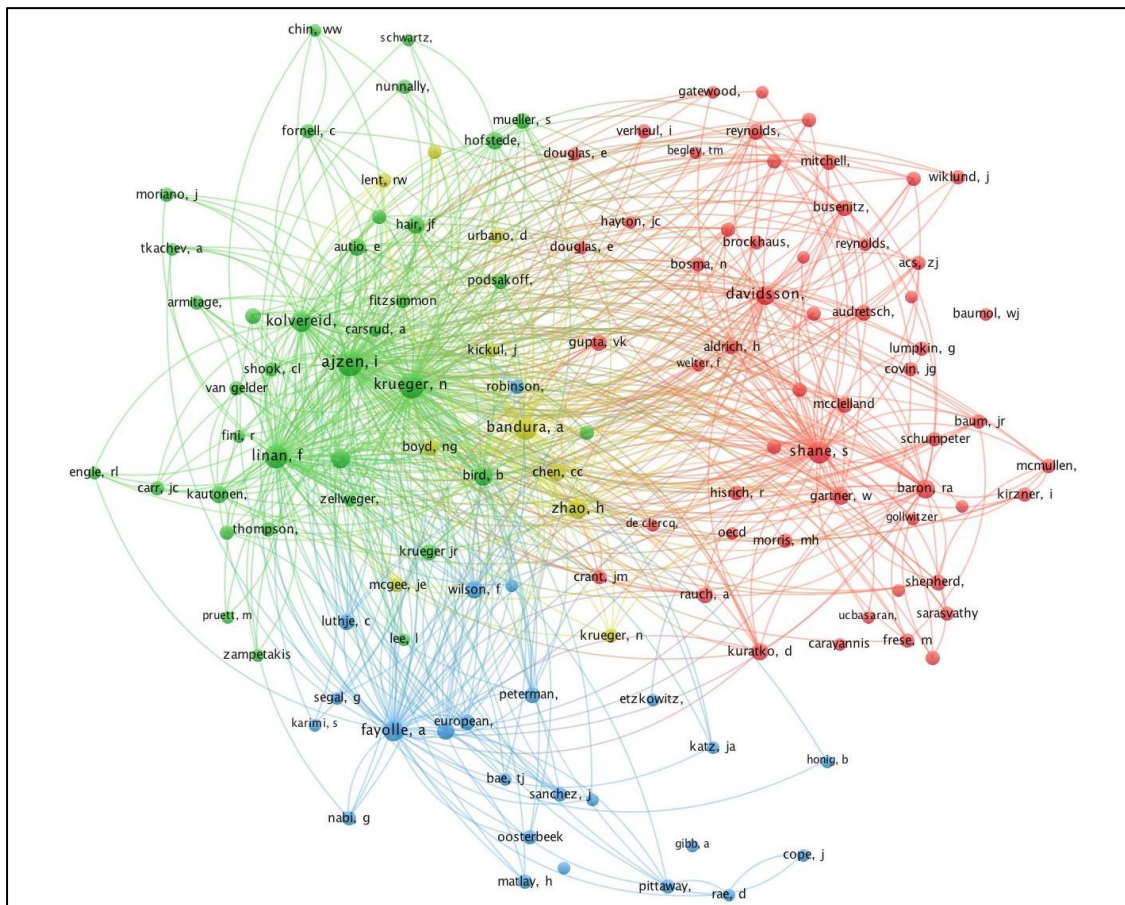


Figura 5 - Mapa de co-citações

Fonte: elaborado pelos autores por meio do VOSviewer.

A partir da Figura 5 notam-se 4 diferentes cores, o que configura 4 clusters. O maior cluster corresponde a cor vermelha com 46 itens, composto por referências como Shane (591 citações) e Davidsson (358 citações). Em segundo lugar, cluster verde, contém 36 itens, destacam-se os autores mais citados Ajzen (1.148) e Krueger (1.135).

Em terceira posição encontra-se o cluster em azul, composto por 24 autores, dentre os quais Fayolle apresenta 457 citações. O menor cluster, em amarelo, possui 10 autores, sendo o principal Bandura com 661 citações. A Figura 6 apresenta os clusters de modo separado. Percebe-se que os cluster não estão isolados, eles se relacionam com os demais clusters.

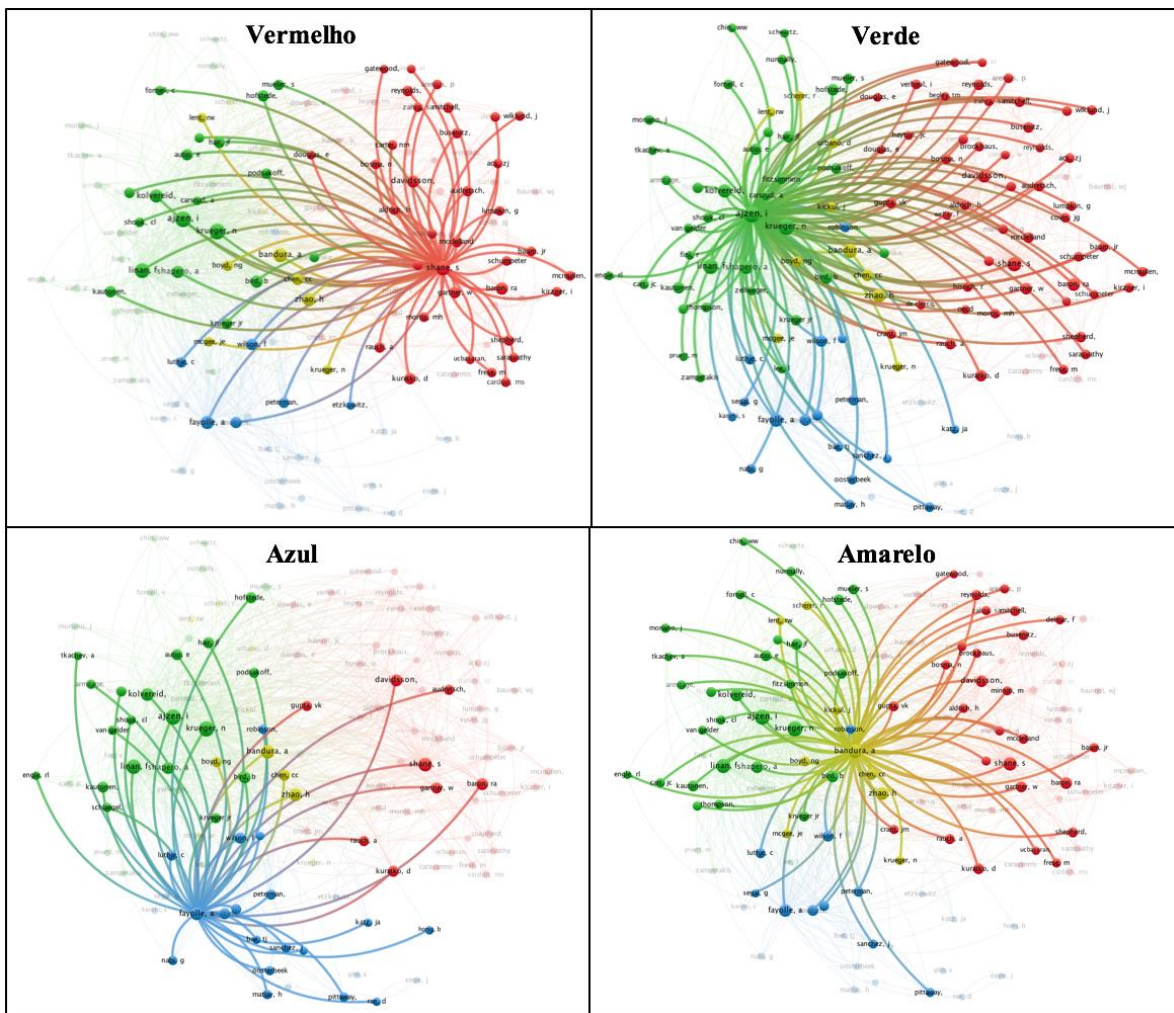


Figura 6 – Clusters de co-citações
Fonte: elaborado pelos autores por meio do VOSviewer.

Por conseguinte, realizou-se uma análise textual a partir dos títulos e resumos dos 1.355 artigos. Realçam-se 69 termos que foram utilizados pelo menos 50 vezes nos resumos e títulos. Na Figura 7 elaborou-se uma rede desses termos mais frequentes.

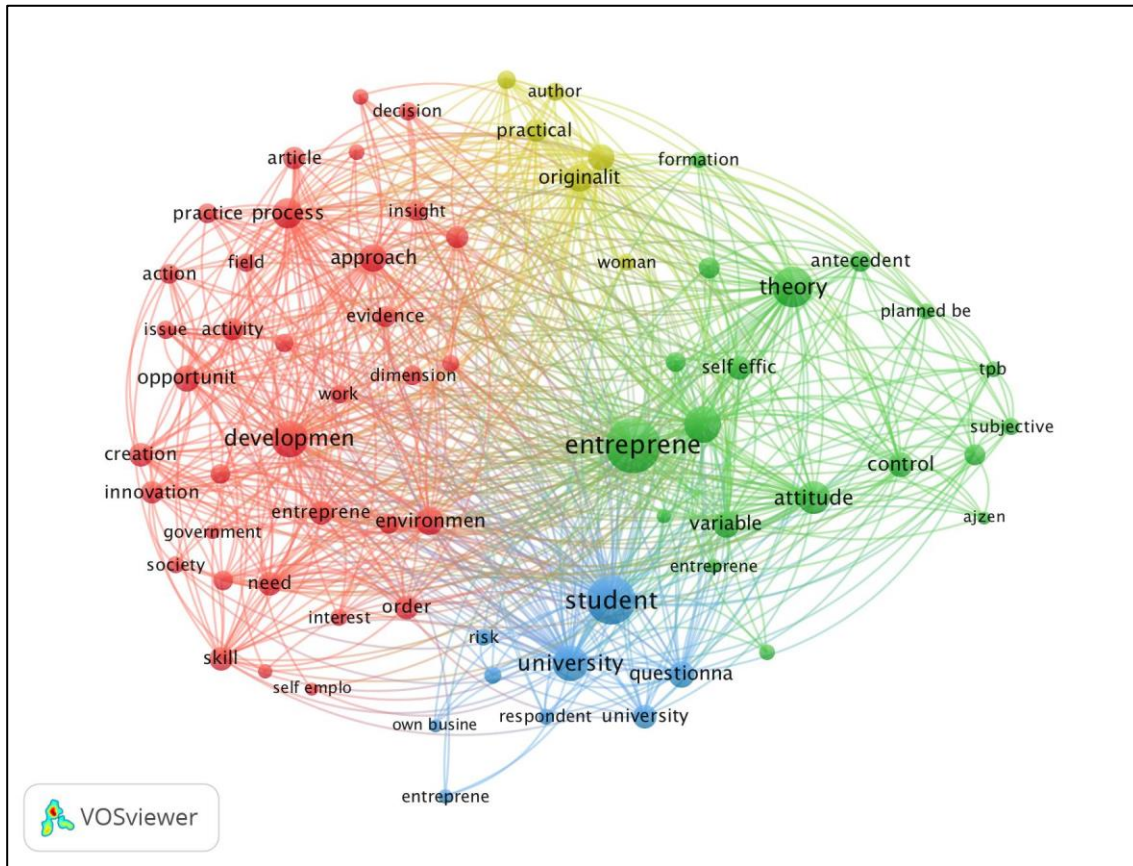


Figura 7 – Mapa textual

Fonte: elaborado pelos autores por meio do VOSviewer.

Na rede verificam-se quatro clusters predominantes, o principal corresponde às palavras elencadas no grupo desenvolvimento (em vermelho), esse grupo contém 35 termos, cita-se ainda criação, inovação e oportunidade. O segundo cluster, em verde, apresenta palavras relacionadas a empreendedorismo, empreendedor, atitude, controle, planejado (19 itens).

O terceiro grupo, com 9 itens, contempla termos como estudante, universidade e educação empreendedora (em azul). Por fim, em amarelo (6 itens), os termos relacionados à pesquisa como valor original, desenho metodológico, implicação prática e limitações da pesquisa. As ligações entre os diferentes termos e clusters totalizaram 2.341 links.

Por fim, por meio da pesquisa bibliométrica averiguou-se os índices h e m, pelo qual é possível aferir o resultado da combinação de temas, com base no número de citações (KELLY; JENNIONS, 2006). Se buscou verificar se a temática de intenção

empreendedora é recente e se é um *hot topic* (tópico quente) ou tem potencial de ser. A partir dos termos elucidados no mapa textual (Figura 7) e com base em uma análise prévia das principais publicações encontradas na Web of Science, foram selecionados 20 tópicos relacionados à temática.

O h-index (índice-h) foi proposto por Hirsch (2005) como forma de caracterizar a produção científica de um pesquisador. O autor parte do princípio de que a quantificação do impacto e a relevância da produção científica individual são muitas vezes necessárias para a avaliação de pesquisadores e comparação de propósitos (HIRSCH, 2005).

Posteriormente, Banks (2006) propôs o índice h-b uma extensão do h-index, que é obtido por meio do número de citações de um tópico ou combinação em determinado período, listados em ordem decrescente de citações. O índice h-b é encontrado em publicações que tenham obtido um número de citações igual ou maior à sua posição no ranking. Banks (2006) também explica o cálculo do índice m, o qual é obtido por meio da divisão do índice h-b pelo período de anos que se deseja obter informações (n). Para a análise dos índices dos índices h-b e m foram utilizadas as definições de Banks (2006) evidenciadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Definições para classificação de *hot topics*

Índice m	Tópico
$0 < m \leq 0,5$	Pode ser de interesse para pesquisadores em um campo específico de pesquisa, o qual engloba uma comunidade pequena.
$0,5 < m \leq 2$	Provavelmente pode se tornar um “ <i>hot topic</i> ” como área de pesquisa, no qual a comunidade é muito grande ou o tópico/combinação apresenta características muito interessantes.
$m > 2$	É considerado um “ <i>hot topic</i> ”, tópico exclusivo com alcance não apenas na sua própria área de pesquisa e é provável que tenha efeitos de aplicação ou características únicas.

Fonte: Banks (2006).

A partir das definições de Banks (2006) neste estudo serão considerados como *hot topics* os tópicos com índice $m > 2$. Para apurar esses índices, inicialmente foi realizada a combinação de cada tópico listado na

Tabela 4 com o termo *entrepreneurial intention*, sendo calculado o total de publicações para cada combinação (tópico relacionado x *entrepreneurial intention*).

A partir deste levantamento se apurou o h-index (índice obtido por meio do número de citações de um tópico ou combinação em determinado período, listados em ordem decrescente de citações, encontrado em publicações que tenham obtido um número de citações igual ou maior à sua posição no ranking) e o coeficiente m (obtido por meio da divisão do índice h-b pelo período de anos que se deseja obter informações (n)).

Na

Tabela 4 estão demonstrados os resultados obtidos a partir das combinações dos temas com o tópico intenção empreendedora, bem como os respectivos índices. Para o cálculo do índice m utilizou-se 11 como o total de anos analisados, tendo em vista o período coberto pela pesquisa (2008-2018).

Tabela 4 - Tópicos sobre intenção empreendedora

Área temática	nº de publicações	Índice h-b	Índice m
1. <i>Entrepreneurship</i>	962	44	4,0
2. <i>Entrepreneurial behavior</i>	619	43	3,9
3. <i>Entrepreneurial research</i>	684	38	3,4
4. <i>Entrepreneurial self-efficacy</i>	403	37	3,4
5. <i>Business</i>	621	38	3,4
6. <i>Planning</i>	426	36	3,3
7. <i>Student</i>	668	33	3,3
8. <i>Entrepreneurial Education</i>	536	28	2,5
9. <i>Social</i>	376	27	2,5
10. <i>Individual</i>	313	28	2,5
11. <i>Development</i>	368	24	2,2
12. <i>Education for entrepreneurship</i>	358	23	2,1
13. <i>Knowledge</i>	230	23	2,1
14. <i>Entrepreneurial university</i>	469	21	1,9
15. <i>Management</i>	176	19	1,7

Fonte: elaborado pela autora com base no Web of Science (2018).

Orientando-se pelas considerações de Banks (2006) pode-se classificar como *hot topics* as combinações de *entrepreneurship intention* com os termos que obtiveram índice m superior a 2, ou seja, 13 termos. Dentre estes destaca-se os tópicos: Empreendedorismo e Comportamento que resultaram em pontuação próxima ao dobro do mínimo estabelecido por Banks.

Os demais termos obtiveram m entre 0,5 e 1,9, o que significa que apresentam grande potencial de se tornarem um tópico quente, especialmente o tópico de universidade empreendedora. A partir desta análise, com base nas definições de Banks (2006), é possível considerar a temática de intenção empreendedora como um *hot topic*.

A partir da bibliografia se verificou que a quantidade de estudos sobre intenção empreendedora cresceu com o passar dos anos. Nesse sentido, o que se tem pesquisado hoje sobre tal constructo? A seguir são descritos alguns estudos atuais que contemplaram essa temática.

1.1.3.1 Estudos recentes sobre intenção empreendedora

Por meio da bibliografia se levantaram alguns estudos recentes sobre intenção empreendedora. No estudo de Gorgievski et al. (2018) se objetivou investigar os mecanismos por meio dos quais os valores individuais estão relacionados às intenções empreendedoras. Os autores aplicaram instrumentos, o QIE (LIÑÁN; CHEN, 2009) e o Questionário de Valores Pessoais (SCHWARTZ et al., 2001). A análise foi realizada por meio de equações estruturais e a amostra é composta por 823 estudantes de quatro países europeus, sendo Espanha, Holanda, Alemanha e Polônia.

Os autores descobriram que os valores de abertura e auto-aprimoramento se relacionam positivamente com as intenções empreendedoras e que essas relações são parcialmente mediadas por atitudes, autoeficácia e, em menor grau, pelas normas sociais (GORGIEVSKI et al., 2018). Os estudantes espanhóis mostraram menores intenções empreendedoras em comparação aos estudantes holandeses, alemães e poloneses, o que pode ser atribuído aos valores mais baixos de autodesenvolvimento (poder e desempenho), menor atitude em relação ao empreendedorismo e diferenças nas normas sociais (GORGIEVSKI et al., 2018).

Na China, Gu et al. (2018) desenvolveram e testaram um modelo teórico ligando a propensão ao risco à intenção empreendedora por meio dos mecanismos de autoeficácia empreendedora e foco regulatório. Os autores usaram uma amostra de 210 funcionários e gerentes. Os resultados indicaram que a autoeficácia empreendedora e o foco na promoção estão positivamente associados à intenção empreendedora (GU et al., 2018). Além disso, esses dois mecanismos de autorregulação medeiam parcialmente a relação entre a propensão ao risco e a intenção empreendedora.

Na Eslovênia, Mirjana, Ana e Marjana (2018) examinaram os determinantes das intenções empreendedoras por meio da TCP. O levantamento foi realizado por meio de questionário em uma amostra de 330 estudantes de bacharelado e mestrado em economia e negócios. A análise contemplou modelagem de regressão hierárquica linear. Os resultados sugerem que as atitudes pessoais, as normas subjetivas e a percepção de controle comportamental estão positivamente relacionadas às intenções empreendedoras dos estudantes.

Na Finlândia, Kokkonen e Ojanen (2018), desenvolveram um modelo integrado, que considera desde a descoberta de uma oportunidade empreendedora até o engajamento empreendedor real. Os autores combinaram as teorias do Modelo de Aceitação de Tecnologia (DAVIS, 1986) e a TCP (AJZEN, 1991). O modelo proposto oferece uma

oportunidade para observar o impacto de diferentes facilitadores e barreiras no engajamento de novos negócios, pois eles podem estar relacionados a certas fases do processo empreendedor e a certos níveis ambientais que envolvem os atores individuais (KOKKONEN; OJANEN, 2018).

Os antecedentes das intenções empreendedoras dos sauditas foram investigados por Naushad (2018). O autor desenvolveu e testou um modelo baseado na TCP com o acréscimo de algumas variáveis psicológicas, no intuito de descobrir os antecedentes das intenções empreendedoras dos estudantes de graduação em Administração na Arábia Saudita. Os dados foram coletados por meio de questionário e a amostra compreendeu 550 respondentes (NAUSHAD, 2018).

A análise foi realizada por meio de estatística univariada e modelagem de equações estruturais por mínimos quadrados parciais (NAUSHAD, 2018). Para o autor, os resultados sustentam a ideia de que os fatores de personalidade, juntamente com os fatores comportamentais, fortalecem a previsibilidade de que as intenções tenham influência sobre um comportamento mais empreendedor.

Ainda, Farroc et al. (2018) investigaram a relação entre o apoio social percebido da *networking* do indivíduo e a intenção empreendedora, e o efeito mediador dos outros construtos de TCP, sendo, atitude, normas subjetivas e percepção de controle comportamental. Os resultados revelaram que a rede de contatos influencia positivamente a intenção empreendedora, esta relação é totalmente mediada por atitude, normas subjetivas e percepção de controle comportamental (FARROC et al., 2018).

Por fim, Nabi et al. (2018) realizaram um estudo envolvendo intenção empreendedora e educação empreendedora. Conforme os autores, o objetivo da pesquisa foi examinar o papel da aprendizagem e inspiração no desenvolvimento das intenções empreendedoras dos alunos no primeiro ano do ensino superior. O estudo se justifica frente “a escassez de pesquisas sobre experiências universitárias relacionadas à educação empreendedora e sua influência nas intenções empreendedoras” (NABI et al., 2018, p. 452).

Os resultados do estudo de Nabi et al. (2018) sugerem que a influência da educação empreendedora varia, em alguns casos, inclusive, levou a uma diminuição da intenção de empreender. Para os autores o estudo traz contribuições para as teorias de educação empreendedora e intenção empreendedora, especialmente quanto às fases iniciais do ensino superior.

Considerações Finais

O estudo apresentado consistiu em realizar uma revisão sistemática acerca de Intenção Empreendedora. Para tal verificou-se as bases teóricas e publicações disponíveis na base Web of Science relativos ao período de 2008 a dezembro de 2018, constando 1.355 publicações nesse período.

A partir da análise das publicações, as principais áreas temáticas foram a de negócios e gestão. A quantidade de publicações anuais sobre a temática aumentou gradativamente, sobretudo de 2014 a 2016, em mais de 140%. Mais de 90% das publicações são no idioma inglês, e elas são provenientes principalmente dos Estados Unidos (15,6% do total).

O aumento de publicações foi acompanhado por um aumento nas citações entre os autores da temática, sendo o artigo mais citado no período de Liñán, em 2009. Foram encontrados quatro clusters, sendo o maior deles composto por 46 itens. Na pesquisa textual dos termos mais utilizados, o grupo de palavras predominante foi relacionado ao termo “desenvolvimento”. A análise dos índices h e m nos tópicos relacionados demonstrou 13 termos como *hot topics*, com destaque para Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor.

Os resultados obtidos demonstram a expansão da Intenção Empreendedora no âmbito acadêmico, com significativo aumento nas publicações e citações. O estudo realizado colabora no sentido de ampliar a percepção da importância do assunto abordado, demonstrando características da produção científica, bem como os países e autores mais relevantes no tema. Uma limitação do estudo refere-se a análise e comparação entre as metodologias que os autores efetuaram em seus estudos, de forma a permitir uma comparação mais profunda entre as publicações e as metodologias mais usuais, sendo essa uma abordagem pertinente para estudos futuros.

Referências

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, 179-211, 1991.

ALMEIDA, G. O. **Valores, atitudes e intenção empreendedora**: um estudo com universitários brasileiros e cabo-verdianos. 2013. 402. Tese (Doutorado em Administração Pública e de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

AUTIO, E.; KEELEY, R. H.; KLOFSTEN, M.; ULFSTEDT, T. Entrepreneurial intent among students: Testing an intent model in Asia, Scandinavia and USA. **Babson College Frontiers of Entrepreneurship Research**. 1997. Disponível em: <<http://www.babson.edu/entrep/fer/papers97/autio/aut1.html>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

BANKS, M. G. An extension of the hirsch index: indexing scientific topics and compounds. **Scientometrics**, v. 69, n.1 , p. 161-168, 2006.

BELFORT, A. C.; FREITAS, H. M. R. de.; MARTENS, C. D. P. Affordances em tecnologia móvel: um estudo bibliométrico. **Revista Alcance**, v. 24, n. 3, p. 363-379, 2017.

BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: The case for intentions. **Academy of Management Review**, v. 13, n. 3, p. 442-454, 1988.

BLACK, M. M. Exploring The Multi-Focus Influence of Identity on Students' Entrepreneurial Intent. Doctor of Philosophy (School of Entrepreneurship). 2012. **Oklahoma State University**, Oklahoma, 2012.

CARVALHO, P. M. R.; GONZÁLES, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 43-65, 2006.

DAVIDSSON, P. Determinants of entrepreneurial intentions. In: CONFERÊNCIA RENT. **Proceedings...** Piacenza: Itália, 1995.

DING, Y.; ROUSSEAU; R.; WOLFRAM, D. **Measuring scholarly impact**. London: Springer, 2014.

FARROQ, M. S.; SALAM, M.; REHMAN, S. U.; FAYOLLE, A.; JAAFAR, N.; AYUPP, K. Impact of support from social network on entrepreneurial intention of fresh business graduates A structural equation modelling approach. **Education and Training**, v. 60, n. 4, p. 335-353, 2018.

FAYOLLE, A.; LIÑÁN, F. The future of research on entrepreneurial intentions. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 5, p. 663–666, 2014.

FRANCESCHET, M. A comparison of bibliometric indicators for computer science scholars and journals on Web of Science and Google Scholar. **Scientometrics**, v. 83, n. 1, p. 243-258, 2010.

GORGIEVSKI, M. J.; STEPHAN, U.; LAGUNA, M.; MORIANO, J. A. Predicting Entrepreneurial Career Intentions: Values and the Theory of Planned Behavior. **Journal of Career Assessment**, v. 26, n. 3, p. 457-475, 2018.

GU, J. B.; HU, L. Y.; WU, J. L.; LADO, A. A. Risk Propensity, Self-Regulation, and Entrepreneurial Intention: Empirical Evidence from China. **Current Psychology**, v. 37, n. 3, p. 648-660, 2018.

GUEDES, V. L. da S. A Bibliometria e a Gestão da Informação e do Conhecimento Científico e Tecnológico: uma revisão da literatura. **Ponto de Acesso (UFBA)**, v. 6, p. 74-74, 2012.

GUERREIRO, M.; RIALP, J.; URBANO, D. The impact of desirability and feasibility^[1] on entrepreneurial intentions: A structural equation model. **International Entrepreneurship Management Journal**, v. 4, n. 1, p. 35–50. 2008.

HIRSCH, J. E. An index to quantify an individual's scientific research output. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 102, n. 46, p.16569-16572, 2005.

HOLANDA, A. B. **Míni Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 8 ed. São Paulo: Positivo, 2010.

KAUTONEN, T.; GELDEREN, M. V.; FINK, M. Robustness of the theory of planned behaviour in predicting entrepreneurial intentions and action. **Enterp. Theory Pract**, v. 39, n. 1, p. 655–674, 2015.

KELLY, C. D.; JENNIONS, M. D. The h index and career assessment by numbers. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 21, n. 4, p. 167-170, 2006.

KOKKONEN, K.; OJANEN, V. From opportunities to action - An integrated model of small actors' engagement in bioenergy business. **Journal of Cleaner Production**, v. 182, p. 496-508, 2018.

KRISTIANSEN, S.; INDARTI, N. Entrepreneurial intention among Indonesian and Norwegian students. **Journal of Enterprising Culture**, v. 12, n. 1, p. 55-78, 2004.

KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 3, p. 91–104. 1994.

_____.; CARSRUD, A. L. Entrepreneurial intentions: Applying the theory of planned behaviour. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 5, n. 3, p. 315-330. 1993.

_____.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v. 15, n. 1, p. 411–432, 2000.

KUNDU, S.; RANI, S. Human resources' entrepreneurial attitude orientation by gender and background: a study of Indian Air Force trainees. **International Journal of Management and Enterprise Development**, v. 5, n 1, p. 77-101, 2008.

LIÑÁN, F. Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 4, n. 3, p. 257-272, 2008.

_____.; CHEN, Y. Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 593-617, May, 2009.

_____.; FAYOLLE, A. A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. **International Entrepreneurship Management Journal**, v. 11, n. 4, p. 907-933, 2015.

_____.; URBANO, D; GUERRERO, M. Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain. **Entrepreneurship & Regional Development**. v. 23, n. 3 e 4, p. 187-215, 2011.

LORTIE, J.; CASTOGIOVANNI, G. The Theory of Planned Behavior in Entrepreneurship Research: What We Know and Future Directions. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 11, n. 4, p. 935-957, March, 2015.

MIRJANA, P. B.; ANA, A.; MARJANA, M. S. Examining determinants of entrepreneurial intentions in Slovenia: applying the theory of planned behaviour and an innovative cognitive style. **Economic Research-Ekonomska Istrazivanja**, v. 31, p. 1453-1471, 2018.

NABI, G. WALMSLEY, A.; LINAN, F.; AKHTAR, I.; NEAME, C. Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 3, p. 452-467, 2018.

NAUSHAD, M. A Study on the Antecedents of Entrepreneurial Intentions Among Saudi Students. **Entrepreneurship And Sustainability Issues**, v. 5, n. 3, p. 600-617. 2018.

SABAH, S. Entrepreneurial Intention: Theory of Planned Behaviour and the Moderation Effect of Start-Up Experience. **Entrepreneurship**, v. 5, n. 1, p. 87-101. 2016.

SANTOS, F. J.; ROOMI, M. A.; LIÑÁN, F. About Gender Differences and the Social Environment in the Development of Entrepreneurial Intentions. **Journal of Small Business Management**, v. 54, n. 1, p. 49-66, 2016.

SCHLAEGEL, C. KOENIG, M. Determinants of Entrepreneurial Intent: A Meta-Analytic Test and Integration of Competing Models. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, v. 38, n. 2, p. 291-332, 2014.

SHAPERO, A.; SOKOL, L. The Social Dimensions of Entrepreneurship. In: **Encyclopedia of Entrepreneurship**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc. p. 72-90, 1982.

SINGH, I.; PRASAD, T.; RAUT, R. D. Entrepreneurial intente: a review of literature. In: AIMS INTERNATIONAL CONFERENCE ON MANAGEMENT, 9., **Proceedings...** Maharashtra, India. 2012.

SMITHIKRAI, C. Entrepreneurial Potential of Thai University Students. **Journal of Social Sciences and Humanities**, v. 11, n. 3, p. 255-274, Jul./Sep, 2005.

SOUZA, R. S.; **Intenção Empreendedora: validação de escala e modelo em universidades federais de Mato Grosso do Sul**. 2015. 113 p. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, 2015.

SOUZA, R. S.; SILVEIRA, A. Entrepreneurial Intention in the Brazilian University Context. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 297-318, 2018.

SPENCER, L. M.; SPENCER, S. M. **Competence at work**. Canada: John Wiley & Sons, Inc. 1993.

THOMPSON, E. R. Individual Entrepreneurial Intent: Construct Clarification and Development of an Internationally Reliable Metric. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 669-694, 2009.

TUBBS, M; EKERBERG, S. The role of intentions of work motivations: Implications for goal-setting theory and research. **Academy of Management Review**, v. 16, n.1, p. 180-199, 1991.